

VILÉM FLUSSER Um caso consumido.

Reli, outro dia, o romance de Graham Greene, cujo título é "A burnt-out case", e que foi traduzido por "Um caso liquidado". Uma tradução mais adequada me parece ser o título deste artigo. Não nutro dúvida que o romance tem sido objeto de crítica em muitos países e de muitos pontos de vista. Dado o alto grau de technicalização da crítica literária atual, com templo inclusive, e com horror, a possibilidade de ter sido analisado esse romance por computadores que verificaram a redundância e os ruídos no nível da letra, da palavra e da sintaxe, de forma que agora sabemos quantos "x" ocorrem nele, (na edição inglesa, na americana e na australiana, supondo que houve australiana, e mesmo que não houve). Em outras palavras: muito provavelmente o romance é um caso consumido, (ou liquidado, ou qualquer que seja o termo a denotar a exaustão por análise exaustiva). Não pretendo pois criticar o romance, nem sequer aproveitar-me do cansaço dos críticos e dos computadores, que devem estar tão exaustos quanto o é o romance. O meu propósito é o contrário de haurir: é recheiar o texto. Sugiro que textos não são apenas fontes, mas também veículos, e que posso manter fidelidade a eles não apenas sorvendo, mas também embarcando neles. E, afinal das contas, não importa se um texto morre de exaustão ou de recheio, (clínicamente conhecido por "infarto").

O assunto do romance é a lepra. Uma doença felizmente agora curável. O ex-paciente curado apresenta-se clinicamente negativo, deixa de ser foco de infecção, e pode ser dispensado. Esta negatividade, esta extinção do foco, e esta dispensabilidade justificam o termo "um caso consumido". É verdade que há um pequeno problema no caso. Se o oposto de "paciente" é "agente", o ex-paciente não pode ser muito bem definido por "agente", já que a sua ação é tolhida pela perda dos dedos nas mãos e nos pés, do nariz e das orelhas. A sua ação futura será uma pseudo-ação, e o ex-paciente é um pseudo-agente. A despeito disto o paciente pode ser dito curado, já que terminou a sua passividade e paixão, que serão ex-paixão doravante. Ex-paixão e pseudo-ação, eis a situação do curado.

A lepra é uma doença que acompanha a história do Ocidente. Era bem conhecida na Antiguidade, e Jô sofria dela. Alcançou a sua maior extensão no século 13. Especialmente durante as cruzadas transformou-se em doença popular, e infeccionou o Imperador Henrique. Foi finalmente controlada no século 17 por rigorosa seclusão dos pacientes. Atualmente grassa ainda no Oriente e nos países subdesenvolvidos. A descoberta da sua cura é recente. O leitor deve ter notado que o termo "lepra" pode ser substituído, nas sentenças precedentes, pelo termo "religiosidade", sem que essa substituição implicasse em qualquer modificação do resto do texto. Com efeito, o herói do romance é um ex-paciente, não da lepra, mas da religiosidade. E o leprosário congolês, no qual se dá a sua ex-paixão e pseudo-ação, pode ser concebido como modelo da humanidade na atualidade. Somos, de acordo com Greene, os mutilados de uma religiosidade curada.

## VILÉM FLUSSER

Que a religiosidade é uma doença, e que a sua cura é possível, eis um dos temas dominantes do século passado. Veja-se Marx, Comte e Freud, para citar apenas três entre muitos nomes citáveis. (Embora Freud adentrasse, anacrônicamente, o século 20). A cura da religiosidade é o cientifismo. Mas no século passado o próprio cientifismo era uma espécie de religiosidade, e a cura recomendada era homeopatia. Atualmente o cientifismo passou a ser "isento de valores", (wertfrei), portanto irreligioso, e a cura passou a ser aleopática e antipática, portanto eficiente. Os derradeiros leprosários, êsses mosteiros da doença, estão sendo liquidados, e a religiosidade tende a ser um caso consumido.

Os sintomas da religiosidade são bem conhecidos. A doença manifesta-se geralmente na infância por um comportamento bem determinado do paciente. É que este parece esperar por recompensa por determinados atos, e castigo por outros. Este estágio infantil é acompanhado de explicações halucinatorias da origem e finalidade do mundo, e da posição do homem nele. Manifesta-se ainda por determinado comportamento irracional, como dobrar as mãos e ajoelhar-se. Na puberdade, em muitos casos, estes sintomas sossegam, e a doença entra em hibernação semelhante à cura. Em outros casos os sintomas são intensificados na puberdade. Esta observação sugere uma ligação entre religiosidade e sexo. Com efeito, tem sentido falar-se em religiosidade masculina e feminina, e em religiosidade pervertida. Na adolescência a doença ressurge mais ~~virulenta~~ virulenta, embora geralmente mude de caráter. A recompensa e o castigo por determinados atos são projetados sobre a história ou o "transcendente", e o paciente sofre a sensação de culpa também por atos cometidos por outros. As explicações halucinatorias são desdobradas em várias ideologias, geralmente coloridas por biologismos, psicologismos ou sociologismos. O comportamento irracional do paciente passa a manifestar-se em reuniões, passeatas, e, em casos extremos, em bandos armados que podem, inclusive, resultar na eliminação física do paciente. Em suma: neste estágio o paciente é internado em leprosários, e este internamento é chamado "engajamento" pelos internados. Nos pacientes adultos a doença se manifesta, de modo geral, pela crença no "valôr" positivo e negativo dos seus atos e de suas obras, pela crença que a recompensa e o castigo estão no próprio ato, e por surda e patológica convicção de um propósito nas suas vidas. As explicações halucinatorias são, via de regra, abandonadas em prol de esquemas admitidamente inarticuláveis, e o comportamento irracional, embora continuado, é acompanhado de sensação de vergonha. Em casos extremamente virulentos de religiosidade adulta, o paciente pode isolar-se do mundo num leprosário individual, e arder qual chama isolada.

A esquematização dos sintomas que ofereci é pouco exata. Há pacientes que evoluem, no curso da doença, sintomas altamente individualizados e grotescos, e há pacientes que nunca saem do estágio infantil, púbere ou adolescente. Mas a esquematização permite a diagnose do traço que caracteriza todos

### VILÉM FLUSSER

os estágios da doença. Este traço comum tem a ver com "valôr" e com "sentido", portanto com "amor" num significado não inteiramente sexual deste termo. É possível portanto dizer-se que a doença foi causada por infecção pelo vírus do amor, e que sua cura deve visar tanto o combate a esse vírus no interior do paciente, como a esterilização do ambiente.

A descoberta do agente causador da doença é sempre o primeiro passo para a sua cura eficiente. Com efeito, descoberta a causa, não demorou que o remédio fosse inventado. É ele a droga maravilhosa, (no duplo significado de "droga"), que é o método científico puro, com seu desprezo soberano <sup>pela</sup> "aplicação", isto é <sup>pelo</sup> valor e <sup>pelo</sup> sentido. Este método, cuja potência pode ser observada na própria aplicação por ele desprezada, age poderosamente como antitético no interior do paciente, e esteriliza o ambiente do vírus do amor, inclusive nas formas que ele adquire depois de combatido. Este "amor hospitalar", (o cientifismo), cede, quando fôr aplicado a ele o DDT da análise lógica e do estruturalismo. De maneira que a religiosidade é atualmente uma doença não apenas curável, mas também provavelmente "superada historicamente".

Os pacientes curados não são, no entanto, motivo de júbilo exagerado. Marcados profundamente pela doença vencida, curados do amor mas corroidos por ele, coçam eles constantemente as feridas cicatrizadas. Basta ler, para comprovar o afirmado, as memórias de um católico ou um marxista curados. Basta ler Graham Greene, (embora este talvez não esteja curado). Os ex-pacientes são expulsos dos leprosários pelos médicos, (e quiçá também pelos internados), mas o seu lugar são os leprosários, já que não dispõem de dedos nos pés para caminhar alhures, nem de dedos nas mãos para manipular qualquer objeto que seja. Não têm eles nem chão nem objeto. São casos consumidos pelo amor que venceram. Pela vacuidade no seu interior, vacuidade esta cavada pela doença, estão abertos para a morte e esperam por ela. Uma esperança, afinal das contas, plenamente justificada. E é assim que a morte é a sua justificativa.

É óbvio que a cena que estou descrevendo, (a nossa), é passageira. Futuras gerações já nascerão em ambiente sadio, e estarão protegidos desde a infância da religiosidade. Não haverá lugar, no futuro, para valores, para sentido, e o amor será um termo eliminado, por redundante, do seu discurso. Serão super-homens os nossos netos, ou, no máximo, os nossos bisnetos. Enfrentarão, sádicos e bem integrados, o sem-valôr, o sem-sentido, o sem-amor do mundo. E terão, no máximo, um sorriso altivo ao contemplarem os seus bisavós patologicamente confusos. Sou grato que não terei por obrigação enfrentar os meus bisnetos, já que a morte, a nossa justificativa, intervirá a tempo.